

A RELAÇÃO ENTRE MEDICALIZAÇÃO E EDUCAÇÃO: QUESTÕES À LUZ DA TEORIA HISTÓRICO-CULTURAL

Brunesa Paulus de Morais ¹

O presente trabalho tem como objetivo uma análise inicial sobre o fenômeno da medicalização, relacionando-o ao desenvolvimento infantil e estendendo algumas considerações ao campo da educação. Como exemplo das discussões mais atuais sobre medicalização, trazemos algumas considerações sobre o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) como um dos transtornos mais conhecidos e medicáveis na atualidade, principalmente ao considerarmos o contexto escolar.

O fenômeno da medicalização infantil mostrou-se crescente nas últimas décadas, mobilizando diversos estudos tanto na área da saúde quanto da educação. Na década de 1970 houveram importantes contribuições, como a do filósofo austríaco Ivan Illich (1975) e do sociólogo e médico Peter Conrad (1979). Tais autores criticaram radicalmente a medicalização, ao dizer que o fenômeno adentra o cotidiano como resposta a diversas questões da vida, inclusive no âmbito escolar, como solução às dificuldades de aprendizagem e problemas de conduta.

Para mediar a discussão, realizou-se uma revisão de literatura, objetivando maior familiaridade com a temática escolhida. O critério de seleção foi a identificação de títulos correspondentes à medicalização na área da educação, além da escolha de alguns autores com grande representatividade na discussão do assunto (ILLICH, 1975; CONRAD, 1979; 2007). A Psicologia Histórico-Cultural por sua vez, traz considerações acerca do desenvolvimento infantil que contribuem com a proposta almejada, optando-se por adotá-la como embasamento teórico (VYGOTSKI, 1995; LEONTIEV, 2004).

¹ Discente do programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual do Oeste de Paraná – UNIOESTE, Francisco Beltrão, Paraná. Bolsista pela CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Formada em Psicologia pela Universidade Paranaense – UNIPAR, Francisco Beltrão, Paraná. E-mail: morais.brunesa@gmail.com.

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

A história demonstra que o conceito de *medicalização* foi cunhado por Irving Zola (1972), representando questionamentos acerca da medicação em resposta às problemáticas cotidianas. Ilich (1975), considerou uma *cultura da medicalização*, evidenciando a supremacia no decorrer da história do saber médico na tomada de decisões que envolvem o ser humano, o que caracterizava a *iatrogênese social* (dependência do saber médico), além de discutir a perda de autonomia e passividade dos sujeitos. Para o autor, a medicalização envolve também uma lógica de interesses da indústria farmacêutica, que traz o medicamento não só como uma forma de remediar patologias, mas de “prevenir” o adoecimento, onde a automedicação revela a individualidade do cuidado e o saber médico incorporado em decisões pessoais de modo arbitrário.

Logo, a medicalização tem sido alvo de estudos na tentativa de demonstrar a redução do sofrimento humano a questões puramente biológicas, disseminando-se também como uma forma de lidar com o desempenho do aluno que não “aprende”, responsabilizando o sujeito por seu “fracasso” e desconsiderando o meio circundante e suas influências, como fatores de ordem política, social e econômica, pensando no processo histórico que igualmente os envolve. Para Conrad (1979; 2007), a medicalização emerge como um processo histórico, que possui função social e cultural, no controle das condutas, na consolidação de saberes ou interesses financeiros/capitalistas, dentre outros, cabendo aos indivíduos responsabilizar-se pelos efeitos de sua criação.

As teorias que buscam explicar o processo de desenvolvimento humano podem contribuir com a lógica da medicalização, seja separando o desenvolvimento biológico do desenvolvimento psíquico e afetivo, como se ao medicar o corpo, as demais dificuldades apresentadas fossem magicamente solucionadas, ou manifestando explicações puramente subjetivas. Algumas teorias ainda apresentam o contexto das relações sociais, incluindo as relações familiares, em segundo plano e, no caso das teorias subjetivistas, o desenvolvimento biológico é negligenciado (COLLARES; MOYSÉS, 1996). A análise da situação se embasa na roupagem externa dos conflitos vivenciados, permanecendo na superficialidade. Na perspectiva histórico-cultural acredita-se que o perigo resida justamente nestes dualismos e fragmentações.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Nesse sentido, Vygotski (1995; 2017), não considera apenas um ou outro aspecto, mas ressalta a Situação Social do Desenvolvimento. Esta enfatiza a importância de analisar e compreender o desenvolvimento do sujeito no meio em que vive; nas relações sociais que participa por um viés histórico-cultural e como a narrativa desse contexto influi na formação da individualidade/singularidade da criança. O autor destaca também a relação entre aprendizagem e desenvolvimento considerando as condições concretas nas quais as crianças realizam suas atividades.

Desde o nascimento a criança é inserida em uma cultura. Inicialmente sua relação com o mundo, é orientado à satisfação de suas necessidades, alterando-se ao longo do seu desenvolvimento. Esse processo de mudança se dá porque ela é cuidada por um “outro” mais experiente, que medeia a relação dela com a cultura, proporcionando sua apropriação. A esse processo nomeamos de aprendizagem, que seria a apropriação dos “fenômenos externos da cultura material e intelectual” que, incorporados pelos sujeitos, formam sua singularidade. O ser humano está sempre em desenvolvimento e é essencialmente social; o outro lhe ensina a suprir suas necessidades e atuar no meio, modificando-o e sendo modificado por ele, por consequência, humanizando-se. (LEONTIEV, 2004, p. 283; VIGOTSKI, 1995; 2017).

Um dos transtornos mais conhecidos atualmente no âmbito escolar é o Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH) “[...] definido por níveis prejudiciais de desatenção, desorganização e/ou hiperatividade-impulsividade.” (APA, 2014, p. 32). Utilizamos esse transtorno como exemplo porque envolve a dificuldade de direcionar a atenção para atividades específicas e, na atualidade, está diretamente relacionado às queixas escolares. Esse fenômeno, pode ser analisado à luz da Teoria Histórico-cultural, principalmente nos estudos de Vygotski (1995) sobre a atenção voluntária e controle da conduta. Para o autor essas capacidades são aprendidas socialmente e são desenvolvidas com o processo de mediação realizado pelo outro mais experiente.

Essa compreensão permite a discussão no campo da educação sob um outro viés, diferentemente da compressão de ordem fisiológica que vem acompanhando a discussão sobre a medicalização. Ora, entendendo-se que a atenção também se aprende, então a responsabilidade é compartilhada por todos no processo de ensino, familiares, professores e demais sujeitos sociais. Além disso, Signor, Berberian e Santana (2017), apontam que se

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

investigadas as interações sociais das crianças com certa profundidade, existe a possibilidade de descobrir que as questões socioeducacionais constituem pano de fundo para um entendimento ampliado do transtorno.

O processo educativo é considerado complexo e desvela de maneira expressiva o desenvolvimento da criança. Isso nos faz pensar em muitas questões, impossíveis de responder nos limites deste resumo: por que padronizamos os comportamentos das crianças? Quais as intenções nessas padronizações? A quem, realmente, interessa a alta medicalização infantil? Abaixo apresentamos um texto que complementa nossas questões.

Figura 1 – Tirinha do Armandinho.



Fonte: BECK, 2020.

A **Figura 1** mostra como a criança tende a ser *formatada*, caso fuja dos modelos idealizados no imaginário coletivo, sobre como uma criança deve se portar. Do círculo familiar às demais instituições sociais, padrões de normalidade são incorporados e disseminados. O molde se torna a criança obediente, disciplinada, que não interrompe o adulto e que “aprende” adequadamente. A realidade concreta em que a criança vive, assim como a situação social do desenvolvimento é desconsiderada por vezes, além de negar-se a própria perspectiva da criança sobre o que ela mesma vivencia. Colocamos a figura no texto com o intuito de fomentar as discussões sobre a questão da medicalização. Mais do que enfatizar os déficits, deve-se valorizar as qualidades das crianças, suas potencialidades, lutar para que realmente sejam consideradas como sujeitos de direitos, nos posicionando contra a compreensão superficial e exclusivamente biológica do seu desenvolvimento.

Desse modo, concordamos com Lima (2020, p. 105) quando afirma que:

não seria por meio do uso de medicamentos, que possuem ação no sistema nervoso central, a solução para o desenvolvimento do psiquismo, pois o biologicismo não contempla as multideterminações socioculturais a que a criança está exposta.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

O problema estaria na reorganização da situação social do desenvolvimento da criança pelo adulto, assim como na reorganização da atividade pedagógica, pelo professor. Essa reorganização teria como princípio promover situações nas quais a crianças puderem, em sua atividade cotidiana – escolar ou não – desenvolver habilidades que permitissem a ela orientar, de forma consciente suas funções psíquicas para a resolução das tarefas propostas.

Compreendemos por fim, que o fenômeno da medicalização é um produto social e histórico, muitas vezes utilizado no cotidiano para prevenir ou remediar o sofrimento humano. Algumas teorias do desenvolvimento humano contribuem com práticas medicalizantes ao fragmentar os sujeitos, impulsionando diagnósticos e práticas engessadas. A Teoria Histórico-cultural sugere uma análise sobre o que a criança está passando tendo em vista a situação social do desenvolvimento, a narrativa histórica que a envolve, sem deixar de compreender aspectos biológicos. Nesse sentido, discutiu-se Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), entendendo que as questões socioeducacionais devem ser consideradas para uma compreensão mais abrangente do transtorno.

O tema demonstra relevância e a necessidade de discussão coletiva, de modo que familiares, professores e demais profissionais formem uma unidade de enfrentamento e proteção às crianças, respeitando sua singularidade, mostrando que elas possuem voz. Destaca-se, a *Cartilha de Recomendações práticas não medicalizantes para profissionais e serviços de educação e saúde*, organizada pelo Grupo de trabalho Educação e Saúde do *Fórum sobre Medicalização da Educação e Saúde* que vai de encontro com a presente discussão. (CFP, 2015). Salientamos a importância de outros estudos acerca do fenômeno visando estender a discussão à diversas áreas, para que a medicalização não seja a primeira e a única opção no trato com as crianças.

Palavras-chave: Medicalização. Desenvolvimento. Psicologia Histórico-cultural.

REFERÊNCIAS:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais**. Tradução de Maria Inês Corrêa Nascimento et al. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGEd
Programa de Pós-Graduação
em Educação

III SENPE

SEMINÁRIO NACIONAL DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO

BECK, Alexandre. **Armandinho**: quadrinhos e tirinhas. Disponível em: <<https://tirasarmandinho.tumblr.com>>. Acesso em: 03 de out. 2020.

CFP. Conselho Federal de Psicologia. **Recomendações de práticas não medicalizantes para profissionais e serviços de educação e saúde (2015)**. Grupo de trabalho Educação e Saúde do Fórum sobre medicalização da educação e saúde. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2015/06/CFP_CartilhaMedicalizacao_web-16.06.15.pdf>. Acesso em: 05 de out. 2020.

COLLARES, C. L.; MOYSÉS, M. A. A. **Preconceitos no cotidiano escolar**: ensino e medicalização. São Paulo: Cortez Editora, 1996.

CONRAD, Peter. **The medicalization of Society on the transformation of human conditions into treatable disorders**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 2007.

CONRAD, Peter. Types of medical social control. **Sociology of Health and Illness**, v.1, n.1, p. 1-12. 1979.

ILLICH, Ivan. **A expropriação da saúde**: nêmesis da medicina. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

LEONTIEV, Alexis. **O desenvolvimento do psiquismo**. Tradução de Rubens Eduardo Frias. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2004.

LIMA, Maria do Carmo Gonçalves da Silva. (In) sucesso escolar e medicalização: historicidade e alternativa a partir da teoria histórico-cultural. **DOXA: Revista Brasileira de Psicologia e Educação**, [S.l.], p. 96-107, jun. 2020. ISSN 2594-8385. Disponível em: <<https://periodicos.fclar.unesp.br/doxa/article/view/13656>>. Acesso em: 15 out. 2020.

SIGNOR, Rita de Cassia Fernandes; BERBERIAN, Ana Paula; SANTANA, Ana Paula. A medicalização na educação: implicações para a constituição do sujeito/aprendiz. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v.43, n.3, p. 743-763, jul./set., 2017.

VIGOSTKI, Lev Semenovich. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VIGOTSKI, Lev Semenovich. LURIA, Alexander Romanovich. LEONTIEV, Alexis N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. Tradução de Maria da Pena Villalobos. 16. ed. São Paulo: Ícone, 2017.

_____. **Obras Escogidas III**. Madri: Visor, 1995.

ZOLA, Irving Kenneth. Medicine as an institution of social control. **Soc Review**, v. 20, n. 4, p. 487-504. 1972.

Programas organizadores



UNIOESTE
CAMPUS DE
CASCAVEL

PPGE
Programa de
Pós-Graduação
em Educação



Mestrado
em Educação
UNIVERSIDADE
FEDERAL DA
FRONTEIRA SUL
CAMPUS CHAPECÓ

UNOCHAPECÓ



PPGED
Programa de Pós-Graduação
em Educação